

## Lula exalta passado e defende união ao lançar candidatura



Lula discursando durante ato de lançamento de sua candidatura à Presidência, em São Paulo. *Maírese Bergamo/Folhapress*

# Lula exalta legado petista e prega ampla conciliação contra o totalitarismo

Em lançamento de candidatura ao Palácio do Planalto, ex-presidente confirma Alckmin como vice em tentativa de derrotar Jair Bolsonaro

Victoria Azevedo, Catia Seabra e Joelmir Tavares

**SÃO PAULO** Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pregou o resgate da soberania nacional, defendeu a Petrobras e repleto falas em prol da criação de empregos e do combate à fome ao lançar neste sábado (7) sua pré-candidatura à Presidência da República em chapa com Geraldo Alckmin (PSB) de vice.

"O grave momento que o país atravessa, um dos mais graves da nossa história, nos obriga a superar eventuais divergências", disse, diante de uma imagem da bandeira do Brasil. "Queremos unir os democratas de todas as origens e matizes [...] para enfrentar e vencer a ameaça totalitária".

O petista buscou se contrapor ao presidente Jair Bolsonaro (PL) dizendo que ele é autoritário e ataca a soberania, a democracia e as instituições. Acusou-o de mentir para esconder sua incompetência e de destruir o que foi conquistado nos governos do PT.

O discurso escolheu temas como inflação, miséria e desemprego e, em um momento de disparada dos preços de combustíveis e contestações à política de preços da Petrobras, defendeu a soberania energética e responsabilizou o atual governo pelo desmantelamento da empresa.

"O resultado desse desmonte é que somos autossuficientes em petróleo, mas pagamos por uma das gasolinas mais caras do mundo, cotada em dólar, enquanto os brasileiros recebem os seus salários em real", disse o ex-presidente, que exaltou legados de sua gestão em várias áreas.

Foram ao menos 29 menções à ideia de soberania, com a observação de que ela não se limita à defesa do território e de fronteiras, mas abarca também áreas como infraestrutura e alimentação.

"Fui vítima de uma das maiores perseguições políticas e jurídicas da história deste país, [...] mas não esperem de mim ressentimentos, mágoas ou desejos de vingança", disse Lula em alusão às condenações que sofreu na Operação Lava Jato, hoje anuladas, e ao período na prisão.

O petista também falou em defesa do meio ambiente e da Amazônia, com a transição para um novo modelo de de-

envolvimento sustentável, da distribuição de renda, dos investimentos em educação, saneamento e moradia, da retomada do consumo e do reconhecimento da cultura como setor importante.

"Precisamos de livros em vez de armas", disse, em alusão às medidas de Bolsonaro em defesa do armamento da população e à perseguição a artistas, com a vilanização da Lei Rouanet. Afirmou que o governo foi irresponsável na pandemia e elogiou o SUS (Sistema Único de Saúde).

O ex-presidente fez ainda sinalizações aos povos indígenas, às mulheres, aos negros e à população LGBTQIA+, parciais do eleitorado em que Bolsonaro tem seus maiores índices de rejeição.

Em aceno a eleitores evangélicos, disse que "não é digno do título o governante incapaz de verter uma única lágrima diante de seres humanos revirando lixo em busca de comida, ou dos mais de 660 mil brasileiros e brasileiras mortos pela Covid. Pode até se dizer cristão, mas não tem amor ao próximo".

"Nunca foi tão fácil escolher", afirmou. "Para sair da crise, crescer e se desenvolver, o Brasil precisa voltar a ser um país normal. A normalidade democrática está consagrada na Constituição. É imperioso que cada um volte a tratar dos assuntos de sua competência", acrescentou, sobre harmonia entre os Poderes.

O petista disse ainda ser preciso que "o fascismo seja devolvido ao esgoto da história, de onde jamais deveria ter saído". Segundo ele, o ato deste sábado foi um chamado aos democratas que desejam reerguer o país e a quem quiser ajudar a organizar "a maior revolução pacífica" da história.

"Nós queremos muita gente na rua, e ninguém pode ter medo de provocação. É proibido ter medo de provocação, de fake news, de provocações via 'Zap', via Instagram. Nós vamos vencer essa disputa pela democracia distribuindo sorriso, carinho, amor, paz, e criando harmonia".

Líder das pesquisas de intenção de voto para outubro, mas pressionado por aliados nas últimas semanas por tropecos de comunicação e problemas na coordenação da campanha, Lula leu o discurso em tom protocolar, em vez

de falar de improviso.

Com diagnóstico de Covid-19 recebido na sexta-feira (6), Alckmin não compareceu pessoalmente e participou do evento realizado no Expo Center Norte (centro de convenções na zona norte da capital paulista) por meio de vídeo ao vivo, em um telão.

Com o mote "vamos juntos pelo Brasil", o PT pretende trazer a candidatura como um projeto do chamado campo democrático, e não só de Lula. A ideia é passar uma mensagem de unidade em torno da missão de impedir Bolsonaro de obter um segundo mandato e defender a democracia.

O que vem sendo descrito pelo PT como "movimento" reúne hoje sete partidos (PT, PSB, PC do B, Solidariedade, PSOL, PV e Rede Sustentabilidade), centrais sindicais e movimentos sociais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Representantes das siglas e organizações foram ao ato, assim como artistas e personalidades. Aliados de partidos que não estão coligados com o PT, como os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), participaram do evento.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

**Lula (PT)** criticando Bolsonaro no lançamento de sua pré-candidatura à Presidência

**Obrigado, presidente Lula, por me dar o privilégio da sua confiança. Mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu (o que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira), quero lhe dizer, perante toda a sociedade brasileira: muito obrigado**

**Geraldo Alckmin (PSB)** durante o lançamento da campanha do petista

de falar de improviso.

Com diagnóstico de Covid-19 recebido na sexta-feira (6), Alckmin não compareceu pessoalmente e participou do evento realizado no Expo Center Norte (centro de convenções na zona norte da capital paulista) por meio de vídeo ao vivo, em um telão.

Com o mote "vamos juntos pelo Brasil", o PT pretende trazer a candidatura como um projeto do chamado campo democrático, e não só de Lula. A ideia é passar uma mensagem de unidade em torno da missão de impedir Bolsonaro de obter um segundo mandato e defender a democracia.

O que vem sendo descrito pelo PT como "movimento" reúne hoje sete partidos (PT, PSB, PC do B, Solidariedade, PSOL, PV e Rede Sustentabilidade), centrais sindicais e movimentos sociais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Representantes das siglas e organizações foram ao ato, assim como artistas e personalidades. Aliados de partidos que não estão coligados com o PT, como os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), participaram do evento.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

de falar de improviso.

Com diagnóstico de Covid-19 recebido na sexta-feira (6), Alckmin não compareceu pessoalmente e participou do evento realizado no Expo Center Norte (centro de convenções na zona norte da capital paulista) por meio de vídeo ao vivo, em um telão.

Com o mote "vamos juntos pelo Brasil", o PT pretende trazer a candidatura como um projeto do chamado campo democrático, e não só de Lula. A ideia é passar uma mensagem de unidade em torno da missão de impedir Bolsonaro de obter um segundo mandato e defender a democracia.

O que vem sendo descrito pelo PT como "movimento" reúne hoje sete partidos (PT, PSB, PC do B, Solidariedade, PSOL, PV e Rede Sustentabilidade), centrais sindicais e movimentos sociais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Representantes das siglas e organizações foram ao ato, assim como artistas e personalidades. Aliados de partidos que não estão coligados com o PT, como os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), participaram do evento.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

O que vem sendo descrito pelo PT como "movimento" reúne hoje sete partidos (PT, PSB, PC do B, Solidariedade, PSOL, PV e Rede Sustentabilidade), centrais sindicais e movimentos sociais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Representantes das siglas e organizações foram ao ato, assim como artistas e personalidades. Aliados de partidos que não estão coligados com o PT, como os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), participaram do evento.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

Representantes das siglas e organizações foram ao ato, assim como artistas e personalidades. Aliados de partidos que não estão coligados com o PT, como os senadores Otto Alencar (PSD-BA) e Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), participaram do evento.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

Também compareceu o ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que sofreu impeachment em 2016 e foi recebida de pé e com aplausos.

Falando de improviso nesse momento, Lula afagou a cor-religionária, a quem chamou de "companheira de todas as horas", e fustigou a tese bolsonarista de que ela faria parte de um novo governo seu.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

"Tem muita gente que, na perspectiva de criar confusão entre nós dois, fala assim para mim: 'Ah, você vai levar a Dilma para o ministério, você é vai levar o José Dirceu para o ministério?'. Nem eu vou levar, e jamais a Dilma caberia num ministério, porque a Dilma tem a grandeza de ter sido a primeira mulher a ser presidenta da história deste país", disse o ex-presidente.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

O evento foi planejado no detalhe para evitar erros. Só Lula e Alckmin discursaram. O músico Paulo Miklos e a chef Bela Gil foram apresentadores. A sambista Teresa Cristina cantou o hino nacional.

Continua na pág. A6

Lula exalta legado petista e prega ampla conciliação contra o totalitarismo

Continuação da pág. A4

O palco possuía tons de vermelho, o tradicional cor do PT, mas também verde e amarelo, com a bandeira do Brasil. A previsão era reunir 4.000 pessoas, mas a assessoria de imprensa do ex-presidente informou que foram credenciadas 7.000.

Lula e Alckmin vestiram figurinos parecidos —terno escuro e camisa branca, sem gravata.

O PT orientou os militantes a transformarem o ocasião em um momento festivo, reforçando uma mensagem de esperança. No ato, foi apresentada uma gravação do jingle da campanha de Lula em 1989, o do refrão "Lula lá, brilha uma estrela", misturando artistas de diferentes gerações.

### Alckmin diz que receita de Lula com chuchu combina

Na transmissão de seu discurso, o ex-governador Geraldo Alckmin disse lamentar sua ausência, justificou sua aliança com o ex-adversário, seu concorrente na eleição presidencial de 2006, e fez piada com seu apelido "picolé de chuchu", já dito sobre ele inclusive por Lula, para compará-lo a "uma coisa insossa".

"Nenhuma divergência do presente, nem as disputas de ontem, nem as eventuais discordâncias de hoje ou de amanhã, nada, absolutamente nada, servirá de razão, desculpa ou pretexto para que eu deixe de apoiar ou defender, com toda a minha convicção, a volta de Lula à Presidência", afirmou Alckmin, de início.

"Mesmo que muitos discordem da sua opinião de que Lula é um prato que cai bem com chuchu (o que acredito venha ainda a se tornar um hit da culinária brasileira), quero lhe dizer, perante toda a sociedade brasileira: muito obrigado."

Lula reforçou a brincadeira depois, dizendo que a combinação é extraordinária, será "o prato predileto de todo o ano de 2022 e se tornará o prato da moda no Palácio do Planalto a partir das eleições".

A chef de cozinha Bela Gil, que participava do ato como apresentadora e defende a alimentação natural, foi instada a comentar o prato. Ela riu e disse que o petista respeita os direitos do povo, "inclusive na alimentação, que, para além do chuchu, ele agora vai do churrasco de picanha ao churrasco de melancia".

Em meio à defesa de princípios como diversidade e justiça social, Alckmin agradeceu a Lula pela confiança e disse ter orgulho da aliança, mas reconheceu que a dupla tem à frente uma "missão que não é simples nem modesta". Ele falou que será "um parceiro leal" do ex-presidente.

"Lula é, hoje, a esperança que resta ao Brasil. Não é a primeira, a segunda nem a terceira. Ele é a única via da esperança para o Brasil."

### Calendário eleitoral

Convenções partidárias de 26, jul a 5, ago

Início oficial da campanha 16, ago

Propaganda eleitoral de 26, ago a 29, set

Primeiro turno 2, out

Segundo turno 30, out

# Mosaico lulista investe em nostalgia, polarização e aceno a eleitores jovens

Evento mostra amplitude da candidatura, mas é preciso transformar apoios em campanha coerente

## ANÁLISE

Fábio Zanini

SÃO PAULO Amigo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) há 50 anos, o ex-sindicalista Djalma Bom empunhava uma bandeirinha com a imagem do pré-candidato a presidente, mas a empolgação do momento não disfarçava a estranheza com o que presenciava.

"Acho que não vale tudo para tirar o Bolsonaro. O que mais me preocupa é não termos um programa de governo que realmente signifique mudança na economia", disse. A referência, obviamente, era à presença do vice na chapa, o ex-governador tucano Geraldo Alckmin, atualmente no PSB.

O desconforto de Bom com a "geringonça" lulista certamente não era algo isolado no centro de convenções lotado que recebeu o lançamento oficial do petista para a Presidência, mas recado do evento era claro. Para destronar Jair Bolsonaro (PL), mais do que uma candidatura, é preciso de uma colagem.

O caráter de mosaico ficou bem retratado no evento. Em alguns aspectos, o local assemelhava-se a um desfile de escola de samba, com alas bem definidas: dos petroleiros vestidos de laranja aos integrantes do Levante Popular da Juventude de preto, passando por ambientalistas de verde e diversos tons de vermelho.

A campanha de Lula ainda está se estruturando, sem coordenação e com uma equipe de comunicação que está sendo reconstruída aos trancos e barrancos. Mas já foi possível identificar três eixos da candidatura do ex-presidente.

O primeiro é o tom passadista, ou, visto de outra forma, nostálgico. Isso incluiu as referências a campanhas antigas e aos governos de Lula. Também foram fartas as menções à prisão do ex-presidente, transmutada agora em uma espécie de mito fundador da atual candidatura.

Outro é a aposta total na polarização com Bolsonaro. Como disseram o próprio Lula e Alckmin, não há terceira via, apenas a disputa de dois projetos. Ambos fizeram pe-

denções a ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Como bônus, ajudou a quebrar uma parte da resistência dela à aliança, ainda resquício do seu processo de impeachment, que foi apoiado pelo PT e o PSOL. Seu discurso caloroso de defesa de Lula conseguiu evitar que houvesse vaias.

Agora com o petista oficialmente com a roupa de candidato, a campanha entra em sua fase mais delicada, a de

construção de programa de governo, definição de prioridades e de tom do discurso.

Numa aliança tão heterogênea, que une dos antigos pelegos da Força Sindical a ex-tucanos e a esquerda raiz do PSOL, formatar algo minimamente coerente será uma façanha. Para o PT, especialmente, será desafiador perder o vício da hegemonia e deixar os aliados terem algum papel real.

Em seu discurso, Lula parecia responder a seu velho amigo Djalma Bom quando disse que era preciso "jogar todas as fichas na aliança" —ou seja, de que, sim, vale tudo contra Bolsonaro.

O fato de o pronunciamento ter sido lido tirou um pouco da temperatura do evento, algo raro pôde servir: pessoas em conversas paralelas enquanto o ex-presidente falava a um microfone.

No geral, no entanto, o evento conseguiu transmitir a ambiciosa obra de arquitetura política que se apresenta para a eleição. A partir de agora, ela terá de provar que não é apenas um catado de anti-bolsonaristas.

menção à ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Como bônus, ajudou a quebrar uma parte da resistência dela à aliança, ainda resquício do seu processo de impeachment, que foi apoiado pelo PT e o PSOL. Seu discurso caloroso de defesa de Lula conseguiu evitar que houvesse vaias.

Agora com o petista oficialmente com a roupa de candidato, a campanha entra em sua fase mais delicada, a de

[...]

Numa aliança tão heterogênea, que une dos antigos pelegos da Força Sindical a ex-tucanos e a esquerda raiz do PSOL, formatar algo minimamente coerente será uma façanha



Alckmin discursa no telão do Expo Center Norte; ele falou com uma foto de seu filho Thomaz, morto em 2015 aos 31 anos, ao fundo. Marlene Bergamo/Folhapress

## Impasse abre espaço para movimento de voto Lula-Zema

Catia Seabra e Leonardo Augusto

SÃO PAULO E BELO HORIZONTE Primeiro destino do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva após oficialização de sua pré-candidatura, Minas é hoje terreno fértil para um fenômeno que já tem apelido: Lulema.

Um impasse entre PSD e PT na costura de aliança para o governo tem propiciado a agitação de um movimento em que eleitores do governador Romeu Zema (Novo) manifestam intenção de voto em Lula. Ferrenhos rivais no plano estadual, dirigentes do PT e Novo afirmam não estimular qualquer articulação. Mas também não vão desencorajar essa tendência que, captada em pesquisas, poderia produzir fenômeno similar ao Lulécio de 20 anos atrás.

Em 2002, eleitores de Aécio Neves (PSDB) preteriram José Serra em favor de Lula para a Presidência. Quatro anos depois, o Lulécio se repetiu. Só que, em 2006, Geraldo Alckmin era o candidato do PSDB à Presidência. Naquele ano, Aécio obteve, no primeiro turno, 77,03% dos votos. Lula, 65,19%. Alckmin, 34,81%. Em 2018, a candidatura de Aleck-

min à Presidência foi debilitada pelo BolsoDoria.

Sondagens feitas pelo partido Novo em Minas mostram haver intenção de voto caso dele entre o governador e Lula.

O movimento é registrado em todo o estado, sendo mais forte nas regiões norte e nos vales do Jequitinhonha e Mucuri, que estão entre as mais carentes do país.

Muito visitadas por Lula em seu mandato e as caravanas que protagonizou, tais regiões reúnem cerca de 2,5 milhões de eleitores, de um total de 15,8 milhões no estado. Um dos coordenadores da pré-campanha de Zema em sua tentativa de reeleição, Mateus Simões afirma que movimento idêntico (Novo/PT) foi identificado pelo partido também nas eleições de 2018.

"Muita gente que votou no Fernando Haddad na disputa pela Presidência naquele ano votou também em Romeu Zema para o governo", diz.

"Essa identificação aconteceu e continua. Agora não me pergunte para explicar porque não saberia como. São essas coisas que costumam acontecer na política", afirma o ex-secretário de Zema, se referindo ao fato de Lula e o atual gover-

nador de Minas não estarem ideologicamente sob o mesmo espectro político.

Pesquisas realizadas pelo PT também detectam essa confluência de votos em Lula e Zema. No estado, Zema é aliado do presidente Jair Bolsonaro (PL), enquanto o PT discute com o PSD apoio à candidatura de Alexandre Kalil, ex-prefeito de Belo Horizonte, ao governo.

A composição da aliança entre PT e PSD tem esbarrado na briga pelo Senado. Hoje na cabeça da chapa, tanto para governador como para a vice, o PSD também reivindica a vaga para a disputa ao Senado.

Por essa fórmula, o PSD teria direito a lançar os candidatos a governador, vice e senador. Suplente de Antonio Anastasia, o senador Alexandre Silveira assumiu a cadeira quando o titular foi nomeado ministro do TCU (Tribunal de Contas da União).

Silveira é candidato à reeleição. Já o PT pretende lançar o deputado Reginaldo Lopes ao Senado. Líder da bancada do PT na Câmara, Lopes conta com a simpatia de colaboradores diretos de Lula, além do apoio da tesoureira nacional do partido, Gleide Andrade.

Pré-candidata à Câmara dos Deputados, Gleide herdará os votos de Lopes caso ele concorra ao Senado.

Apontado como um candidato competitivo, Lopes admite concorrer contra Silveira. Segundo ele, há brecha legal para que a mesma chapa lance os dois candidatos ao Senado.

Presidente estadual do PT, o deputado estadual Cristiano Silveira diz que o partido não se opõe ao lançamento de dois candidatos caso fracasse a negociação de um acordo.

Segundo petistas, Kalil até concordaria com essa proposta. Mas Silveira, não.

Presidente estadual do PSD e secretário-geral do partido, Silveira exerce forte influência sobre a bancada de deputados, que inclui eleitores de Bolsonaro. Kalil não teria poder para demovê-lo da candidatura.

Essa disputa abriu uma fenda no PT, dividido entre apoiadores de Lopes e Silveira. Enquanto um grupo insiste na aliança com o PSD, outro já trabalha com a hipótese de apoio a um candidato do PSB ou do Solidariedade.

É nesse cenário que Lula chega a Minas na próxima segunda-feira (9). Ele cumprirá agenda em Belo Horizonte, Contagem e Juiz de Fora, onde visitará monumento em homenagem ao ex-presidente Itamar Franco.

Até esta sexta-feira (6), não havia, nessa agenda, previsão de reunião com Kalil. A assessoria do ex-prefeito nega, porém, versão de que ele planeja viajar para evitar um encontro com o petista. Diz que Kalil soube pela imprensa da viagem de Lula ao estado. Os dois também não teriam falado sobre programação do ex-presidente em Minas.

“ Não me pergunte para explicar porque não saberia como. São essas coisas que costumam acontecer na política

Mateus Simões em dos coordenadores da pré-campanha de Zema em sua tentativa de reeleição

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Política **Caderno:** A **Página:** 3